

Maria Isabel Marcondes <pontesbel@uol.com.br>

- Psicóloga de abordagem junguiana
- Especialista em Saúde Pública



A Devoção ao Divino Pai Eterno e o Símbolo da Quaternidade

A devoção ao Divino Pai Eterno existe desde 1840 e perdura até os dias atuais como expressão da religiosidade popular. As raízes da devoção encontram-se no inconsciente e sua permanência deve-se ao símbolo da quaternidade que ela expressa. A imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria é encontrada há tempos em pinturas datadas da época do renascimento. Do ponto de vista psicológico, o símbolo da quaternidade permanece vivo e atuante nos devotos do Divino Pai Eterno, como expressão da totalidade da psique.

A devoção ao Divino Pai Eterno surgiu em meados do século XIX, por volta do ano de 1840, no interior do estado de Goiás, quando um agricultor, ao preparar a terra para o plantio, bateu com sua enxada em algo duro. Abaixou-se e recolheu um objeto que verificou tratar-se de um rústico medalhão de barro, com a imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. Constantino Xavier Maria, homem católico e piedoso, levou o medalhão para sua casa. Ele e sua esposa, Ana Rosa de Oliveira, colocaram-no num pequeno altar e ali se reuniam para rezar o terço nos finais de semana. Milagres começaram a surgir por intercessão do Divino Pai Eterno, como passou a ser chamada a imagem, reunindo ao redor vizinhos e pessoas amigas. Assim, a devoção ao Divino Pai Eterno espalhou-se pelas redondezas. Por volta de 1848, fora construída a primeira capela, coberta com folhas de buriti.

Mais tarde, Constantino pediu a um artista de Pirenópolis, Veiga Valle, que reproduzisse a imagem do medalhão, que foi talhada em madeira. Ela foi levada para uma capela maior às margens do Córrego de Barro Preto, num terreno doado por Constantino. Esse lugar dista uns vinte e dois quilômetros do antigo município de Campinha das Flores, atual bairro Campinas, onde se originou a cidade de Goiânia. Uma terceira capela foi erguida em 1876. Já o primeiro Santuário do Divino Pai Eterno foi inaugurado em 1912. Este primeiro Santuário passou a ser mais conhecido como Santuário Velho, e é a Paróquia Matriz de Trindade. Por ocasião do centenário da Romaria de Trindade, em 1943 foi lançada a pedra fundamental do atual Santuário novo. Mas somente em 1957, com a criação e instalação da Arquidiocese de Goiânia, foi apresentado um projeto para a construção do Santuário. A partir de 1974, já era possível a realização da novena e festa do Divino Pai Eterno no Santuário novo.

Atualmente a imagem encontra-se no altar da igreja matriz (Santuário Velho) da cidade de Trindade, no estado de Goiás, e continua sendo um local de romaria e peregrinação dos fiéis católicos. Em 4 de abril de 2006, o Papa Bento XVI concedeu o título de Basílica Menor ao Santuário e, em 18 de novembro de 2006, se deu a instalação da Sacrossanta Basílica. Ela é a única Basílica no Mundo dedicada ao Divino Pai Eterno.

A grande festa do Divino Pai Eterno ocorre no primeiro domingo do mês de julho de cada ano. A cidade de Trindade fica lotada durante nove dias, período em que ocorre a novena. Fato marcante da festa é o desfile de carros de bois enfeitados com faixas louvando o Pai Eterno com o nome das fazendas, sítios e chácaras ali representadas. O caráter rural da devoção continua presente desde os tempos de Constantino até os dias atuais, guardando a característica de ser uma festa do povo simples que tem uma ligação estreita com a terra, com a agricultura e criação de animais.

O símbolo continua tão atuante e vivo hoje quanto no momento em que Constantino achou o medalhão, e tomado por um sentimento de religiosidade, o consagrou como a representação do sagrado, pois reconheceu nele a presença do eterno e do divino. E como disse Jung (1991): "Enquanto um símbolo for vivo, é a melhor expressão de alguma coisa. E só é vivo enquanto cheio de significado." (JUNG, 1991, p.444). E continua (Jung), no mesmo parágrafo:

"O símbolo, no entanto, pressupõe sempre que a expressão escolhida seja a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, mas cuja existência é conhecida ou postulada." (JUNG, 1991, p.444)

A imagem da Santíssima Trindade e da Virgem Maria coroada tocou as profundezas da alma de Constantino, ativando imagens arquetípicas e fazendo, assim,



Medalhão em argila do Divino Pai Eterno.
<<http://studentiroma.blog.arautos.org/tag/divino-pai-eterno/>>
Acesso em 12.out.2010.

com que a experiência o levasse ao terreno do sagrado. E quando a experiência psicológica tem tal intensidade é um evento numinoso. É o reconhecimento do homem comum, não tendo origem no intelecto, pois se trata de uma projeção da psique objetiva que encontra ressonância na humanidade. Sendo a numinosidade uma característica do arquétipo, a experiência provoca êxtase, encantamento e terror. Transcende o conhecido, e ao entrar em contato com a consciência a surpreende, causando esse assombro.

Constantino, homem que professava a fé católica, crente e temente a Deus, viu no medalhão não só uma imagem, mas a presença de um símbolo, embora fosse lavrador e não um estudioso da religião. Assim sendo, como homem de fé, recolheu o presente divino ofertado pela mãe terra e o reverenciou como tal. Para Jung (1983),

A religião é uma terapêutica "revelada por Deus". Suas idéias provêm de um conhecimento pré-consciente, que se expressa, sempre e por toda a parte através dos símbolos. Embora nossa inteligência não as apreenda, elas estão em ação porque nosso inconsciente as reconhece como expressão de fatos psíquicos de caráter universal. Por isso basta a fé, quando existe."(JUNG, 1983, p.88)

A religião, como expressão da alma, tem caráter universal e fez com que a devoção ao Divino Pai Eterno extrapolasse as fronteiras do tempo e do espaço. Embora tenha se originado no interior do estado de Goiás, no coração do Brasil, difundiu-se para outros estados e atravessou dois séculos. Jung (1983) explica que:

Religião é – como diz o vocábulo latino *religere* – uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto, acertadamente chamou de "numinoso", isto é, uma existência ou efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. (JUNG, 1983, p.9.)

A RELIGIOSIDADE E A SANTÍSSIMA TRINDADE

A Santíssima Trindade é um dogma da igreja católica, um mistério de fé. São três Pessoas em um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Por mistério entende-se uma verdade revelada por Deus que não pode ser conhecida pela razão humana, nem em conteúdo ou em existência, mesmo depois de ter sido revelada. Neste sentido, expressaria o limite da razão humana.

Para o teólogo Leonardo Boff (2009), a compreensão mais originária e correta de mistério vem da Igreja Antiga, em que mistério significava um desígnio de Deus revelado a pessoas privilegiadas como os místicos, as pessoas santas, os profetas e os apóstolos, e comunicado a todos por seu intermédio. Não significaria o limite da razão, mas o ilimitado da razão. Boff (2009) postula ainda que a Santíssima Trindade revelou-se na vida das pessoas, nas religiões, na história e depois pela vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus, pela manifestação do Espírito Santo nas comunidades da primitiva Igreja e no processo histórico até os dias de hoje. Diz ele:

Mesmo que os homens e as mulheres nada soubessem da Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo habitavam desde sempre a vida das pessoas. Sempre que as pessoas seguiam os apelos de sua consciência, sempre que obedeciam mais a luz que as ilusões da carne, sempre que realizavam a justiça e o amor nos relacionamentos humanos, a Santíssima Trindade estava presente. (BOFF, 2009, p.42).



Ícone da Santíssima Trindade.
Andrei Rublev
<<http://ortodoxiaplena.blogspot.com/2010/05/icone-da-santissima-trindade-de-andrei.html>> Acesso em 12.out.2010.

Para Boff (2009), a revelação com clareza da Santíssima Trindade veio através de Cristo e das manifestações do Espírito Santo que estão no Novo Testamento. No Antigo Testamento, nas religiões antigas e nos textos sapienciais havia alguns indícios trinitários. Com a vinda de Jesus, irrompeu a consciência de que Deus é Pai que envia o Filho na força do Espírito Santo.

Dentro dos pressupostos da psicologia analítica, o dogma sobrevive porque é uma realidade psicológica. É de origem irracional. As proposições religiosas nunca são racionais, pois fazem parte do mundo arquetípico do qual a inteligência comum não tem consciência. Uma teoria científica pode ser substituída por outra, descoberta mais recentemente, mas um dogma perdura por milênios. Segundo Jung (2000a),

O dogma substitui o inconsciente coletivo, na medida em que o formula de modo abrangente. (...) Quase toda a vida do inconsciente coletivo foi canalizada para as idéias dogmáticas de natureza arquetípica, fluindo como uma torrente controlada no simbolismo do credo e do ritual. Ela manifesta-se na interioridade da alma do católico. O inconsciente coletivo, tal como hoje o conhecemos, nunca foi assunto de psicologia, pois antes da Igreja cristã existiam os antigos mistérios, cuja origem remonta às brumas do neolítico. A humanidade sempre teve em abundância imagens poderosas que a protegiam magicamente contra as coisas abissais da alma, assustadoramente vivas. As figuras do inconsciente sempre foram expressas através de imagens protetoras, e curativas, e assim expelidas da psique para o espaço cósmico. (JUNG, 2000a, p.23)



A Coroação da Virgem.
Michel Sittow
<<http://o-povo.blogspot.com/2008/08/22-de-agosto-coroao-de-nossa-senhora.html>> Acesso em 12.out.2010.

A idéia da trindade divina não é exclusiva do cristianismo. As mais antigas religiões já possuíam em seu panteão tríades divinas, o que demonstra que a organização em tríades é um arquétipo que aparece na história das religiões e que pode ter inspirado a ideia da trindade cristã. Nas tríades havia relações de parentescos entre os deuses, não sendo necessariamente três pessoas divinas independentes. Na antiga Mesopotâmia já aparece a tríade: Anu, pai do Deus, Ea filho de Anu e feito à sua imagem e semelhança, e Enlil, Deus do ar, essencialmente espírito. No Egito, a trindade surge com uma espécie de unidade de essência (homousia) entre o Deus Pai e o Deus Filho, representado pelo rei. O terceiro elemento da trindade é Ka-mutef, a força procriadora do deus.

O pensamento grego e a escola matemática e filosófica de Pitágoras também influenciaram as ideias pré-cristãs na formação da trindade. Jung (1983) discorre com profundidade sobre as influências filosóficas, principalmente, as platônicas, no livro *Interpretação psicológica do dogma da trindade*. Jung (1983) inclui também na discussão da doutrina trinitária a influência de uma ordem social de tipo patriarcal, que é anterior ao cristianismo.

Ainda na antiguidade, a patrística começa a desenvolver a ideia da Trindade, com Tertuliano, no século III, quando o termo aparece pela primeira vez. Seu discípulo Orígenes reflete sobre a Trindade. No século XV, um ícone de Rublev mostra a Trindade na forma de três anjos sentados ao redor de uma mesa sobre a qual está um cálice. Eles são iguais entre si, mas distintos um do outro. Olham-se com profundo respeito e amor. O cálice entre eles pode ser um indício da presença do feminino na Trindade.

A santidade da Trindade vem de um valor supremo, revelado pela força que emana do arquétipo. A força do arquétipo exerce um fascínio sobre o homem, que o faz percebê-lo como algo sobrenatural ou divino.

O Pai é a causa primeira, o criador e pode ser considerado o uno, do qual deriva o outro, o Filho. O mundo do pai constitui um todo único, uma unidade que não é perturbada pela crítica. Este também é o mundo do homem em seu estágio infantil. Quando surge a dúvida a unidade original é quebrada, donde se conclui que a criação é imperfeita e o Criador, com sua bondade e poder, não pode constituir o único princípio da origem e criação do mundo.

Com a quebra da unidade, surge o mundo do Filho. Como realidade psicológica, posto o Pai, surge naturalmente o Filho. E o Espírito Santo? O Espírito Santo na Trindade representa a Vida, o sopro vital, "a relação amorosa, e ao mesmo tempo como terceira pessoa divina com significação de 'terceiro elemento' e ponto culminante do processo intratrinitário (...)" (JUNG, 1983, p.47)

Há uma representação do Espírito Santo interessante, citada por Boff (2009), em que ele é uma figura feminina, numa pintura de uma pequena igreja da Baviera (Urschalling bei Prien). O gnosticismo dos primeiros tempos do cristianismo interpretava o Espírito Santo como mãe que eles denominavam de Sophia-Sapientia. O caráter feminino do Espírito Santo ainda perdura na representação que se faz dele como pomba. A pomba lembra também que o espírito pertence ao ar, por isso é representado por um animal alado. Mas o Espírito Santo não é somente uma vida comum entre o Pai e o Filho, ele é também o Paráclito (do grego parakletos – significa o mediador, o defensor, o consolador) que o Filho deixou como herança aos homens, concedendo-lhe filiação divina. Do ponto de vista psicológico, pode-se dizer com Jung (1983):

A história do dogma trinitário representa, portanto, a manifestação gradativa de um arquétipo, que organizou as representações antropomórficas de Pai, Filho, Vida, Pessoas distintas, numa figura arquetípica numinosa, ou seja, a Santíssima Trindade. (JUNG, 1983, p.39)

A VIRGEM MARIA E O DIVINO PAI ETERNO

Existe na imagem do Divino Pai Eterno, além da Santíssima Trindade, a imagem da Virgem Maria coroada, simbolizando a Rainha do Céu e da Terra. A presença de Maria junto da santíssima Trindade também é encontrada numa pintura de Michel Sittow, pintor nascido em Reval, hoje Tallinn, Estônia, que se encontra atualmente no Louvre. O quadro, datado de 1496-1504, é um óleo sobre tela de 24 x 18cm, e intitula-se Coroação da Virgem. Nele, vê-se a imagem da Virgem ajoelhada em frente ao Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (na forma de pomba) sendo coroada por dois anjos suspensos no ar. Três anjos posicionados atrás de Maria seguram seu manto. O quadro sugere certo movimento, aquele que antecede a coroação, pois a coroa ainda não está sobre a cabeça de Maria, mas sendo colocada.

Uma figura semelhante encontra-se numa pintura que está no *Breviário de Isabel*, (1451-1504), rainha de Castela, apelidada *A Católica*. Essa pintura também mostra a Santíssima Trindade coroando Maria: Deus Pai e Deus Filho têm um cetro na mão e sustentam a coroa sobre a cabeça da Virgem. O Espírito Santo na forma de pomba paira no alto. O Breviário teria sido um presente que o embaixador espanhol Francisco de Rojas ofereceu à rainha.

Jung (2009) reproduz uma figura que consta do *Rosarium Philosophorum* (1550), um conjunto de lâminas de um autor anônimo, que mostra a "quaternidade alquímica: o três e o um (corpo e princípio feminino)." (JUNG, 2009, p.445). Na figura aparecem o Pai e o Filho coroando Maria e, sobre eles, no alto, o Espírito Santo.



A Coroação da Virgem.
Rosarium Philosophorum – Prancha 19
<<http://www.levity.com/alchemy/rosar19.html>>
Acesso em 12.out.2010.



A Coroação da Virgem - detalhe.
Breviário de Isabel, a Católica
<<http://www.moleiro.com/miniatura.v.php?p=865/pt>>
Acesso em 12.out.2010.

A imagem da Virgem Maria junto da Santíssima Trindade, como aparece na imagem da devoção do Divino Pai Eterno, pode ser considerada o quarto componente, que incorporado à tríade formaria uma quaternidade, símbolo da totalidade da psique. E de acordo com Jung (1983), "a quaternidade é um arquétipo que se encontra por toda a parte e em todos os tempos" (JUNG, 1983, p.55.) Assim temos: os quatro pontos cardeais para nos orientar no espaço, quatro funções psíquicas para nos orientar psicologicamente, quatro elementos primitivos, os quatro ventos, os quatro rios que saem do Paraíso, os quatro evangelistas, sendo três deles representados na forma animal e um na forma de um anjo. "O ideal de perfeição é o redondo, o círculo, mas sua divisão natural e mínima é a quaternidade". (idem)

A assunção corporal de Maria ao céu foi proclamada dogma em novembro de 1950, pela Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus* do papa Pio XII. Na *Encíclica Ad Caeli Reginam*, de novembro de 1954, Pio XII estabelece um dia a ser celebrado todos os anos em honra de Maria, na qualidade de Rainha do Céu e da Terra. Neste sentido, a presença de Maria na tríade originando um quaternio foi sendo introduzida aos poucos, mediante essas representações da coroação de Maria pela Santíssima Trindade. Era algo que estava presente no inconsciente da humanidade e vinha sendo projetado em pinturas e gravuras, e reconhecido por todo o tipo de pessoas e nacionalidades. A respeito da Assunção de Maria, assim se refere Jung (2000b):

A "declaratio solemnitas" (definição solene) da Assumptio Maria (da Assunção de Maria) que presenciamos em nossos dias é bem um exemplo do progresso secular experimentado pela evolução dos símbolos. O que impeliu este acontecimento não proveio das autoridades da Igreja que deram fartas provas de sua hesitação, através da espera de vários séculos, mas sim do fiel católico que insistiu repetidamente, e de forma crescente, nesta evolução: no fundo, trata-se do impulso profundo do arquétipo que procura tornar-se realidade. (JUNG, 2000b, p.80)

O dogma da Assunção de Maria significa que sua alma foi introduzida no céu juntamente com o corpo. A matéria sendo o oposto do espírito e é levada para o reino da metafísica. Maria, coroada como Rainha do céu, junto da Trindade, como aparece na imagem do Divino Pai Eterno, aponta para a representação da criação, da presença da humanidade, da matéria, pois Maria foi envolvida no drama da Trindade, como instrumento do nascimento divino, ao dar à luz

ao Filho de Deus, por obra da graça do Espírito Santo. O Espírito Santo atuou como a força procriadora, energia vital, sopra da vida sobre a Virgem Maria gerando Jesus, o Cristo, tornando-a *Mater Dei*. Maria ao lado da Trindade Divina traz ainda a ideia da presença da humanidade não somente como sofredora, mas também como participante da divindade. É a terra espiritualizada, o corpo sacralizado sem a mancha do pecado e sem o peso de ser sua fonte.

Pode-se pensar também na inclusão do feminino com sua presença na tríade, pois a Trindade revelava uma ordem social patriarcal. Maria como representante do feminino acaba com a unilateralidade do masculino fazendo a complementação necessária para se ter o equilíbrio.

Porém, o que chama a atenção é a insistência com que o quarto elemento impõe-se ao longo do tempo para fazer parte da Trindade, formando uma quaternidade. A força do arquétipo revela-se nessa tentativa insistente para dar forma ou mostrar uma imagem que represente a totalidade da psique. Como nos diz Jung (1995):

Outro símbolo principal é o da Trindade. Seu caráter é exclusivamente masculino. O inconsciente, no entanto, o transforma em quaternidade, que é ao mesmo tempo, uma unidade, da mesma forma que as três pessoas da Trindade, são um só e o mesmo Deus. Os antigos filósofos da natureza representavam a Trindade – enquanto *imaginata in natura* (imaginada através da natureza) como os três *asomata, spiritus ou volatilia*, ou seja, água, ar e fogo. A quarta parte integrante era o *somaton*, a terra ou o corpo. Eles simbolizavam esta última por meio da Virgem. Dessa maneira, acrescentaram o elemento feminino à sua Trindade física, criando, assim a quaternidade ou o círculo quadrado, cujo símbolo era o *Rebis* hermafrodita, o *filius sapientiae* (o filho da sabedoria.). Não há dúvida de que o quarto elemento dos filósofos medievais se referia à terra e à mulher. (JUNG, 1995, p.68.)

Na história da devoção do Divino Pai Eterno da cidade de Trindade, a Mãe Terra ofertou o medalhão para Constantino. O medalhão, sendo de barro, é filho da Mãe Terra, pois é feito da mesma substância que ela, como que a confirmar a presença da matéria. E esta Mãe que dá ao agricultor a semente, a plantação, o alimento para seu corpo, dá também alimento para sua alma. E é por meio da matéria, do trabalho do homem com a enxada, do solo sendo preparado para o plantio, que o medalhão é encontrado. A quaternidade é formada não apenas simbolicamente pela presença da Virgem Maria estampada no medalhão, mas também concretamente pela presença da terra na sua história, como matéria reveladora do divino.

O devoto fiel reconhece na imagem do Divino Pai Eterno algo indefinível que toca sua alma e que não teria explicação em termos racionais ou lógicos, mas que, como um símbolo, reverbera em cada um que para lá se dirige, movido pela fé, seu inesgotável sentido. ☩

Referências Bibliográficas

- BOFF, L.A. *Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2009.
 JUNG, C.G. *Interpretação psicológica do dogma da trindade*. Petrópolis: Vozes, 1983.
 _____ *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991.
 _____ *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1995.
 _____ *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000a.
 _____ *AION-Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2000b.
 _____ *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 2009.



A Coroação da Virgem.
Breviário de Isabel, a Católica
<<http://www.moleiro.com/miniatura.v.php?p=865/pt>>
Acesso em 12.out.2010.